

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

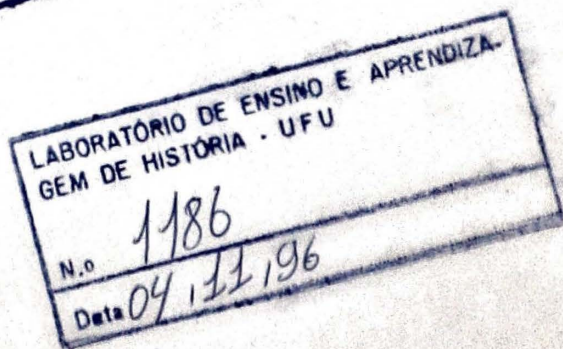
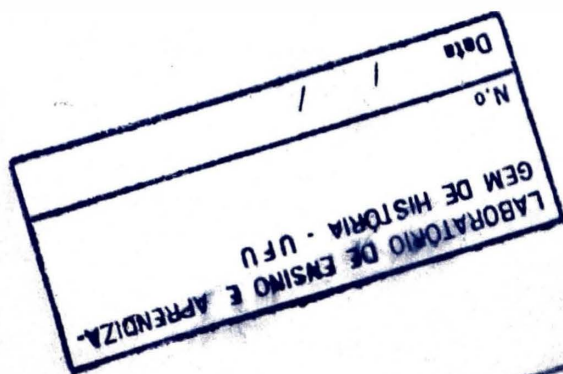
O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1636

S. 9(c)

RELATÓRIO DE MONOGRAFIAS DE 1988, (CURSO DE HISTÓRIA)

- A Ideologia disciplinar do Espaço Urbano: Os Hansenianos de Uberlândia.
Luiz Angelo de F. Fonseca.
- As comunidades Eclesiais de base no processo de Urbanização de Uberlândia.
Paulo Roberto de O. Santos.
- Associação de Moradores do conjunto habitacional Santa Luzia em Uberlândia
Rosa Maria de Oliveira
- Reivindicações populares das Associações dos bairros Jardim das Palmeiras e Tocantins.
Adilson Caetano da Silva.
- "Democracia Participativa", sua lógica e sua prática.
Cires Canísio Pereira.
- A questão ambiental no Contexto urbano de Uberlândia: 1980 a 1988.
Ednalúcia M. dos Santos.
- Urbanização e Sindicalismo em Uberlândia - 1979 a 1980.
Eliêne Girôldo.
- Urbanismo e meio ambiente. Conflito ou harmonia?
Miriam Alves das Santos.
- A Juventude dos movimentos Espiritualistas da Igreja Católica de Uberlândia - 1965 a 1984.
Wolney Honório Filho.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COMIS
CAMPUS SANTA MÓICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROF: ANTÔNIO DE ALMEIDA
DISC: HISTORIA DO BRASIL VII
ALUNO: LUIZ ANGELO DE F. FONSECA

A IDEOLOGIA DISCIPLINAR DO ESPAÇO URBANO: OS HANSENIANOS
DE UBERLÂNDIA.

DEZEMBRO DE 1988

Universidade Federal de Uberlândia
Prof: Antônio de Almeida
Disc: História do Brasil VII
Aluno: Luiz Angelo de Faria Fonseca

Tema: A Ideologia disciplinar do Espaço Urbano: os Hansenianos de Uberlândia.

"Assim como os mendigos e as putas, nós sabemos quais os que vão parar diante de nós para a oferta. Com esses não trocamos o que temos, mas sim o que somos".

Roberto Freire.

INTRODUÇÃO

(A) A idéia deste projeto, do projeto inicial, não encer-
ram aqui toda a perspectiva que pretendia abordar. As idéias
iniciais se transformaram. De saber e poder disciplinar do es-
paço urbano e sua correspondência com o processo de industria-
lização de Uberlândia nas décadas de 60-70, acabei por retroce-
der para as primeiras décadas deste século. Não foi uma mu-
dança teórica ou estratégica: o esboço inicial de disciplina-
rização encontra-se no início do século, e não em seu meio. '
Por isso fui obrigado a recuar no tempo.

Ainda sobre o projeto inicial me propunha a estudar
a transferência de edificações públicas (cadeia, rodoviária, '
ferroviária) para áreas distantes do centro da cidade - isto '
na década de 70 - e o aparecimento de instituições assistenci-
ais, como ICASU, também na década de 70, e o processo de higi-
enização e integração do Bairro Lagoinha, buscando achar um '
elo de ligação - se é que há - entre esses processos.

Acabei por descobrir que os prédios públicos, na ori-
gem de sua instalação, como a ferroviária, o fluxo humano daí
decorrente, a urbanização nos seus arredores, empurravam e ex-
cluíam outros segmentos sociais - o doente -, e que mais tar-
de, acabou tornando o próprio excluído.

Centrei-me muito no Bairro Lagoinha, no projeto ini-
cial, e neste período que estudei ele sequer é citado. Isto '
exigiria mais dedicação e tempo do que pude dispendar, para, '
junto com as plantas da cidade e o cadastramento individual '
at } dos leprosos no Centro de Saúde, precisar a localização dos '
focos maiores de lepra em Uberlândia. Este seria um trabalho
metodológico e moroso, para um tempo fugaz.

Em atas da Câmara Municipal poucos registros se fi-
zeram sobre a presença dos leprosos nas ruas e da ameaça que '
representavam, diante de tamanho alarde promovido pela impren-
sa local. Isto já poderia ter contribuído para rever a própria
veracidade das informações jornalísticas. Mas havia de ser ou-
tra oportunidade.

Por fim, havia me proposto a inquerir entre os mora-
dores do Bairro Lagoinha sobre a imagem do Bairro hoje, como '
o problema da lepra era encarado e como o é nos dias atuais, '
enfim, se o estigma do Bairro ainda existe e como eles perce-
bem isto em seu cotidiano.

Vale lembrar que a partir da década de 60 a impren-
sa local silencia sobre a lepra. Teria ela desaparecido da ci-
dade? Não porque as estatísticas oficiais ainda nos dão conta
de que Uberlândia é um foco significativo no Estado e União. Per-
que o silêncio? A cidade disciplina teria imposto sua vitória
a dispensar sua própria ideologia. Enfim, por que o silêncio?

PARA BENEFICIAR A ESTHETICA DA CIDADE
e aperfeiçoar o conforto dos enfermos
— a transferência da Santa Casa é uma
necessidade.

Verificando os inúmeros artigos de jornais à respei-
to da higienização do espaço urbano, datados de 1920 a 1950 ,
verifica-se uma constante em seus discursos: a disciplinariza-
ção do espaço urbano, a criação de uma lógica reguladora da
cidade, de tal modo que o espaço não seja ocupado aleatoria-
mente, mas que obedeça às contingências a ele proposto.

PARA BENEFICIAR A ESTHETICA DA CIDADE
e aperfeiçoar o conforto dos enfermos
— a transferência da Santa Casa é uma
necessidade.

"Occupando-se do assumpto em extenso commentário, 'nosso confrade local 'O REPORTER', assinala com precisão a ne-
cessidade que há, quanto a transferência da Santa Casa para 'outro local onde faculte aos enfermos um repouso indispensá-
vel e á esthetica da cidade uma accessibilidade mais condigna.'"

E sobre a momentosa questão teve as palavras que a-
baixo vão transcriptas na integra:

Já diversas vezes, em edições anteriores, temos' tratado desta assumpto, aspiração dos habitantes de toda a cidade que fica nas proximidades do hospital.

De princípio, por certo, o edificio foi bem loca-
lizado.

O enorme quarteirão occupado pelo predio e suas' dependencias, achava-se mais ou menos em ponto afas-
tado do movimento commercial e industrial.

A vida urbana confluia, com o seu transito e ruí-
dos, para a parte baixa da localidade, que, com o novo surto de prosperidade e progresso, renascia na-
turalmente vindo da parte originaria marginal do U-
berabinha, com os seus novos tentaculos de activida-
de remando para a chapada superior.

Outros adventos influindo no traçado citadino, 'atrahindo a população crearam novos bairros.

A estrada de ferro, entre todos os factos, assig-
nalou essa afluencia de elementos povoadores mais T
para perto de sua estação e de suas linhas.

A avenida Floriano Peixoto tornou-se arteria movi-
mentada, pelo seu traçado e sua direção.

Poucos terrenos baldios no seu arruamento; casas
residenciais, o Palace Hotel, officinas José Pontim,
Bar Viennense, Confeitaria Guarany, no genero de es-
tabelecimentos de diversos, casas commerciaes como
os armazens Galliano, Godoy, selaria Morum Bernardi-
no, fabrica de sabonete Erlan e outros.

Mais ainda, é a via publica estabelecendo cumhu-
nações com o centro, portanto caminho forçado de
caminhões, autos e outros vehiculos produzindo estre-
pido quando correm no seu leito perfeitamente calça-
do.

Des'arte, a Santa Casa, situada inicialmente muito bem, está agora deslocada em meios das habitações e do barulho natural do 'strugg for life'.

São estas considerações que já temos expedindo ' varias vezes, solidarios com os moradores do populoso bairro e tambem em beneficio dos próprios doentes.

Possuimos terrenos excellentes nos arredores da cidade, não muito afastados onde construir outro hospital.

Fato sem sobrecarregar o erario do municipio, pois com a valorização da gleba, dividida a grande area em lotes, facilmente será financiada a construção de outra Santa Casa, dentro dos canones da arquitetura moderna e evolução da hygiene coetanea beneficiando a esthetica da cidade e aperfeiçoando o conforto dos enfermos".

Pelo que se pode inferir do texto, primeiro: a questão da disciplinarização do espaço possui alguns critérios, o que de convívio da população dever ser posto em condições de acesso fácil, comércio, transporte, moradias, e o que representa entrave, uma ameaça à população, posta afastada desta. Segundo, a reportagem de "O Estado de Goiaz" é oportuna ao artigo do "Confrade local" O REPORTER sobre a "momentosa questão", onde "já diversas vezes, em edições anteriores, temos tratado do asspto", possibilita uma visão de que este assunto era problemático e tenha mobilizado os setores de informação local, levantando toda uma problemática em torno da permanência da Santa Casa em área habitacional da cidade, tema tratado com frequência, demonstrando a necessidade de refluir com a Santa Casa, em "terrenos excellentes nos arredores da cidade, não muito afastados onde construir outro hospital". E por último, é concomitante ao aparecimento desta lógica disciplinar, não apenas com relação ao hospital, estrutura-se um poder, não apenas sobre a distribuição espacial urbana, mas sobre os doentes, e não sobre as doenças, mas das condições que são impostas aos doentes (e a outros segmentos sociais) numa elaboração de saber e poder. Uma tecnocracia do saber, que salienta as condições naturais ao tratamento: "Sest'arte, a Santa Casa, situada inicialmente muito bem, está agora deslocada em meio das habitações e do barulho natural do 'strugg for life'", "em beneficio dos próprios doentes" - vale notar aqui a importância desta última afirmação: é em beneficio de alguém, os doentes, que a Santa Casa deveria ser transferida, mas os próprios doentes não se manifestaram sobre o fato, mas sim os moradores da vizinhança daquela instituição.

Sobre tais considerações iniciais percebe-se a lógica disciplinar da cidade: um olhar policialesco, que não é o de um policial, urbanista ou sanitarista, mas um olhar que é tudo isto sem nada ser. Um olhar que se envereda pelas habitações, comércio, indústrias, hospitais, ruas, avenidas, perpas

sa o cotidiano em vigilância e disciplina. Acima das particularidades, o bem-estar social, a higiene, a modernidade? (...) a construção de outra Santa Casa, dentro dos cânones da arquitetura moderna e evolução da hygiene coetanea beneficiando a esthetica da cidade e aperfeiçoando o conforto dos enfermos".

São atuações microcelulares de poder, que não se vinculam aos aparelhos de Estado, mas que contribuem sobremaneira para a efetiva atuação deste, o da disciplina, ordem civilidade, respeito ao instituído, a passividade frente à normatização. Este é o dado do poder: não se localiza, não é paupável, instituído unicamente em um ponto, mas fragmentado de tal modo que a sua ação dá-se em todos os níveis, atinge a todos os indivíduos, exerce-se nas relações cotidianas e nele se pereniza.

Neste contexto, o hospital, como as crianças de rua, o idoso, o mendigo, o leproso, o louco, os desclassificados, que fogem do contexto social como produtores, precisam de uma vigilância, coercitivamente necessitam ser excluídos do meio onde já são de fato excluídos: do convívio social produtivo, que não causem distúrbios, que não anarquizem o que foi obra individual, 'fruto do trabalho'.

Esse exercício de expulsão dos excluídos, esse exercício de poder, portanto, deve ser necessariamente encarado como uma realização do social, em benefício daqueles, excluídos, como única forma de salvação, e do próprio social, que vão lhes proporcionar os benefícios.

Essa máscara de filantropia não oculta as garras do aviltamento a que se propõe: atingir e docilizar os corpos e mentes, constituir-se enquanto um conjunto de idéias científicas, o saber, tecnocrática ou médica e enquanto tal, institui seu poder sobre o social. Manifestação de apaziguamento dos conflitos que sua lógica não pode apagar, pois sustenta-se sobre ela: os conflitos sociais de uma sociedade desigual.

Foucault aborda a questão do espaço hospitalar, "onde localizar o hospital, para que não continue a ser uma região sombria, obscura, confusa em pleno coração da cidade, para onde as pessoas afluem no momento da morte, de onde difundem; perigosamente, miasmas, ar poluído, água suja, etc.? É preciso que o espaço em que está situado o hospital esteja ajustado ao esquadramento sanitário da cidade. É no interior da medicina do espaço urbano que deve ser calculada a localização do hospital" (Microfísica do poder, p.108)

A cidade disciplinar, o projeto utópico de harmonizar o social sem contudo eliminar as diferenças, mas mantê-las sob vigilância e disciplina. Este é o projeto hegemônico de uma classe que não se atribui o poder, mas o segmenta, ultra-

passa o exercício de poder para além dos organismos do Estado, pois em si o poder não existe e não está em, mas para e além' de si.

"A CASA da CRIANÇA, que todos os cidadãos, todas as entidades e corporações de Uberlândia vão construir, além das finalidades imediatas e immediatas de socorrer e amparar o 'menino desprotegido ou sem arrimo suficiente - realizará o mais bello trabalho, mais útil á sociedade, que é a repressão da 'vadiagem.

Só isso, praticado no seio da infancia, equivale a um problema de grande relevância salvadora do individuo e beneficiadora da collectividade.

O menino pobre e abandonado, habitua-se com não fazer nada sem trabalho, sem emprego, sem profissão.

Vive explorando, vive de expedientes ellicitos e imoraes, convive com a caterva e adquire todos os vícios, epilogando a função do seu instinto tornando-se ladrão e criminoso.

E esse prejuizo e esse damno tem resultados e efeitos tão irradiadores que affectam os interesses organizados 'de um povo e a própria nacionalidade.

Portanto, encher-nos-á, a todos, de justificado orgulho a função normal da Casa da Criança, liquidando assim, 'mesmo em parte, um problema social por demais custoso de resolução, pelas suas complexidades.

Assim, é difficil expressar a gente quanto a esse gesto de abnegação e commovedora solidariedade e sobre a prática dos mais nobres sentimentos humanos e cumprimento de dever do cidadão.

Está agora lançada uma questão de honra para Uberlândia, para o seu povo, e ninguém hoje dúvida do êxito feliz que terá a campanha desta semana em prol da grandiosa instituição.

Para esse disideratum ninguém se olha, a si, no sentido de destacar doutrina religiosa, princípios, interesses 'pessoais; é a maior belleza que de tudo isso resalta, é a unanimidade de sentimentos, a convergência de atenções - focalizando certa e determinada cousa.

~ o cidadão uberlandese, agindo por essa forma, concorrerá efficientemente para ir acabando com a vadiagem e extinguindo, portanto, com a mendicancia, cujo remanescente terá instituições proprias para acudi-lo, como se vem fazendo galhardamente nesta terra, desde ha amuito.

A Casa da Criança dará resultados claros e conclusivos; as suas optimas consequencias directas e indirectas serão uma especie de cauterio applicado a uma chaga existente, em 'parte pela discplicencia dos homens válidos que se tornam, depois, as proprias victimas, por ser uma questão eminentemente

social.

Não haja então um cidadão, uma senhora, nesta terra, capaz de se alhear dessa ingente mas necessária tarefa que to da Uberlândia se impõe para o completo saneamento da sua massa humana futura.*(O Estado de Goyaz, nº416, 17/11/38.- grifos meus) *é aconselhável destacar toda a citação.*

Por este artigo, que focaliza a questão da criança mendicante, pedinte, vê-se que o poder não se exerce apenas sobre atos repressivos, a coerção física, nem também sobre um 'amparo' unicamente ideológico - discurso competente que pretende fazer coincidir a realidade e discurso e anular, assim, as diferenças, criando uma identidade lógica entre o pensar, o 'fazer e a realidade, não permitindo que um contra-discurso 'obstaculize uma imagem universalizadora que se pretende - que sempre lhe conferiu uma imagem negativa, mas, pelo contrário, o poder possui uma eficácia, uma positividade.

Essa positividade é que lhe permite a "repressão à vadiagem" como imagem redentora, "salvadora do indivíduo e beneficiadora da colectividade", extirpa a "chaga existente, em parte, pela displicência dos homens válidos que se tornam, depois, as próprias vítimas, por ser uma questão eminentemente social". Ou seja, o alvo do poder está em adestrar o corpo humano e potencializá-lo ao máximo, no trabalho, quebrando-lhe a resistência política, sua capacidade de insurgir-se contra o social. A sociedade harmonizada e devidamente amparada pelos que possuem condições para tal têm o dever social para com esses desclassificados, é uma necessidade que urge, que "se impõe para o completo saneamento da sua massa humana futura".

O objetivo do poder é "ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força-de-trabalho dando-lhes uma utilidade econômica 'máxima, diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra-poder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente"(MACHADO, Roberto, Por uma genealogia do poder- p.XVI)

A estrutura urbana criteriza, seleciona, hierarquiza, absorve ou explora, setoriza os espaços, enfim, impõe uma disciplina, normatiza, reprime e adestra, ela se configura não apenas quanto ao espaço, mas o espaço não é uma neutralidade, ele é uma realidade social, político e econômico.

Este fenômeno não é local, abarca toda a sociedade; erige-se num discurso de nacionalidade, sedimenta-se em códigos, cristaliza-se em lei.

Basta darmos uma leitura nos títulos dos jornais

teremos uma dimensão exata da proporção alcançada pela necessidade de adestramento das marginalidades do social, principalmente no referente às leis sanitárias e as formas de controle sobre o doente:

- .Novo Código Penal da República e as Leis Sanitárias
- .Um Preventório para Goiânia
- .O Governo do Estado encara seriamente o problema da Lepre
- .Educação e Saúde no Decênio Getuliano
- .Conferência Nacional de Saúde.

Vários outros artigos, inúmeros na verdade, tratavam de um tema preocupante: a Lepre. Mas, da análise destes diversos artigos - de publicação oficial ou de redações locais - delineia-se uma nova realidade: não só o Estado aufere para si o encargo sobre a saúde pública mas capacita a todos a criação de uma identidade nacional. Estado e Nação, poder e cidadania, direitos e deveres comuns, particularizados numa visão totalizante. O uno e o todo. O indivíduo não se vê a si mesmo se não se identifica com o todo, o social. Somente assim, através de atribuições particularizantes e que expressa o social, como manifestação coletiva, sob o manto protetor do Estado - que é a expressão de toda a coletividade.

O Novo Código Penal da República, datado de 1941, em reforço à defesa social, em seu capítulo III, considera:

"_Crimes contra a saúde pública

- . causar epidemias mediante a propaganda de agentes patogênicos
- . deixar o médico de denunciar à autoridade pública doença cuja notificação é compulsória."

Médico e doente poderão ser considerados criminosos - portanto, a efeito de punição e reclusão - se promovedores de agentes patogênicos. Os termos para tais não poderiam deixar de serem mais significantes: deixar o médico de denunciar, à autoridade pública doença cuja notificação é compulsória.

Não é só a arbitrariedade dos termos que aí se encontram presentes - denunciar, autoridade, notificação, compulsória - mas a estrutura hierárquica que se erige sobre ela, uma estrutura de poder, disciplinar, que parte dos segmentos sociais e alcança o Estado. Voltamos àquele ponto: "O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente". "O que aparece como evidente é a existência de formas de exercício de poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive à sua sustentação e atuação eficaz" (MACHADO, Roberto, Por uma genealogia do poder. p. X-XI)

Foucault tematiza esta questão da hierarquia e disciplina: "A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares.(...) A disciplina implica um registro contínuo. Anotação do indivíduo e transferência da informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber"(Microfísica do poder, p.106-107)

A imagem do evocada do Estado para que atenda às ameaças sobre o social conferem-lhe competência para que determine sobre o social, sobre o coletivo e o individual. O Estado não só é um promovedor do social como também um disciplinador, árbitro, sua neutralidade e imparcialidade lhe permite velar e olhar sobre tudo e a todos.

Sobre a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública dizia o Min. Gustavo Capanema: "No Brasil tudo é grande, exceto o homem, que Getúlio Vargas, ditador revolucionário, ao criar o Min. da Educação e Saúde Pública, igualou o homem à terra, cuidando de sua saúde e educação, afim de torná-lo elemento dinâmico dentro da construção nacional"(Correio de Uberlândia - 26/01/1941)

O homem agora é tratado tal qual a terra: elemento produtivo digno de cuidados pelo Estado. Mas exige para isso um reforço às suas capacidades :saúde e educação, para torná-lo elemento dinâmico dentro da construção nacional". Opõe-se a esta visão de conquista social o fato de que os governos anteriores a 1930 não se preocupavam com estes aspectos.

Especificamente sobre a lepra, disse o Ministro: "O problema do flagelo de Hansen que os governos anteriores a 30 tinham medo de encarar, está sendo entrevistado sob âmbito Nacional, e para que a extinção do mal seja uma questão matemática, de tempo, é preciso que o oriente o governo federal, conjugando às esforçadas atividades da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Proteção contra a Lepra, as dos governos estaduais e municipais". Sobre o Serviço de Profilaxia da Lepra disse que "itineram por todo o Estado, num serviço lento e pertinaz de fichamento e educação sanitária".

A lepra tornou-se um problema nacional, não apenas a doença, mas especificamente o doente. O doente é quem causa indômodo. Mas ao doente-que não resta esperança no mundo terreno, pois seu destino é a morte - o melhor que se pode fazer é não auxiliá-lo, no sentido misericordioso da esmola, de mantê-lo em espaço aberto, público, mas sim recluso, afastá-lo

dos homens.

"E ao mesmo tempo em que, pelas mãos do padre e seus assistentes, é arrastado para fora da Igreja GRESSU RETROGRADO, asseguram-lhe que ele ainda é um testemunho de Deus: 'E por mais que estejas separado da Igreja e da Companhia dos Santos, não estarás separado da Graça de Deus' (...). E, testemunhas 'do hieráticas do mal, obtêm a salvação na e através da própria exclusão: uma estranha inversão que se opõe à dos méritos e das orações, eles se salvam pela mão que não se estende. O pecador que abandona o leproso à sua porta está, com este gesto, abrindo-lhe as portas da salvação.

Por isso, tem paciência com tua doença, pois o Senhor não te despreza por tua doença, e não se separa de tua companhia; mas se tiveres paciência serás salvo, como o foi o lazarento que morreu diante da casa do novo-rico e foi levado diretamente ao paraíso

O abandono é, para ele, a salvação; sua exclusão o ferece-lhe uma outra forma de comunhão." (FOUCULT, Michel. História da Loucura. p.6)

É a reclusão que pede a sociedade, reclusão daqueles que não podem ser aproveitados; não oferecem utilidade. Mas, num gesto de civilidade, de uma sociedade que assessora os seus deficientes, eles devem ser reclusos para seu próprio benefício, pois não tem quem vele por eles e pelos seus.

Mas a reclusão precisa ser justificada, ter uma argumentação que assegure este tipo de tratamento, que violenta a sua liberdade individual.

É a partir da década de 30 que toda uma campanha sanitária sobre a hanseníase se desenvolve no Brasil. Estas campanhas mobilizaram vários segmentos sociais, das mais variadas formas, com a criação do Min. da Educação e Saúde Pública, o Serviço Nacional da Lepre, Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Proteção contra a Lepre.

Desenvolve-se a partir daí todo um empenho nacional, uma "cruzada" - no dizer da época - nacional contra a doença e doentes.

"O Governo da República, em articulação com os Estados, vem tomando enérgicas providências no sentido de afastar do convívio social os leprosos, prestando, aos filhos dos atacados do terrível mal, toda a assistência que se faz necessária, mesmo porque, segundo se afirma, os recém-nascidos não estão contaminados dessa doença" (Correio de Uberlândia, nº 822. 4/12/1941)

"Desmentido formal de que estado forte é governo de um só são os certames oficiais que vêm sendo realizados nos vários setores administrativos; técnicos reúnem-se, trazem as

luzes do seu saber especializado (só num ramo opinam - a época do coringa já passou...), propõem soluções, as leis surgem, os bons resultados aparecem; a autoridade é que só a um pertence. Administração e economia, legislação tributária, unificação judiciária, são já execuções visando a unidade política e econômica do país" (Correio de Uberlândia- nº 804, 7/11/1941).

Além desta responsabilidade assumida pelo Governo, cria-se, por conta da desinformação ou propositalmente, o pavor aos doentes. A nota do jornal "O Estado de Goiás", datado de ano de 1939, dá-nos bem a visão do malfeitor compulsório ' que é o leproso, a ameaça viva que representa, se continuar em convívio com todos.

NCTAS

"Por mais de uma feita já nos referimos ao estado ' sanitário em que se encontra a cidade, onde, parece-nos, não ' se faz sentir a acção do Centro de Saúde que, segundo dizem, o Estado mantém aqui.

Já que esse departamento estadual, ao qual está com mettido essa função, não dá signal de existência, a Prefeitura Municipal bem que poderia, dentro dos recursos orçamentários, sanear a cidade, dando-lhe outro aspecto, que não o actual, em completo contraste com os nossos lóros de povo civilizado.

Já que retornamos ao assumpto, encaminhamos a quem ' de direito, uma reclamação que chegou afe nós, e que é bastante grave, a ser verídica, trazendo-nos serias e graves consequências.

Trata-se da existência de morpheticos em predio localizado à Rua Bororós. O facto em si já não é motivo de surpresa para nós, pois os atacados do mal de Hansen são vistos ' pelas ruas da cidade, de quando em vez.

O caso torna-se mais importante porque os hansenianos da Rua Bororós, vizinhos de famílias numerosas, cheias de filhos menores, procuram, a todo instante, propagar o mal terrível de que são victimas, atravessando as carrocinhas de verduras, os tabuleiros de doces e quitandas, contaminando-os com suas mãos infectas com o fito de levar a outrem o mesmo soffrimento que padecem.

Ainda mais: _ deixam pela metade os doces que adquirem dos quitandeiros, e os jogam, as vezes, quase inteiros, depois de uma dentada, aos quintaes dos vizinhos, onde as crianças permanecem diariamente, e ficam, assim, na iminencia de ' uma contaminação, comendo restos de morpheticos, na inconsciência do mal.

As autoridades locais, às que o caso interessa, endereçamos a reclamação de uma vizinha desses hansenianos, na cer

teza de que saberão tomar providências que o caso requer".

Outro informe sobre a Lepra, da redação do mesmo jornal, datado de 27/7/1941, de autoria do Dr. José Mariano, médico auxiliar residente na Colônia Santa Izabel.

A's crianças do Brasil

Como conhecer e evitar a lepra.

"Este livrinho lhe pertence, criança de minha terra, esperança radiosa de minha pátria.

(...)A Lepra é uma doença contagiosa; isto é; uma doença muito grave, custa muito a aparecer levando às vezes diversos anos para manifestar os primeiros sinais. Portanto, toda cautela é pouca; um descuido durante a infância ou na juventude pode ser de consequência funesta.

Para evitar a propagação da lepra, os governos mandaram construir grandes hospitais com aparência de cidades onde são recolhidas as pessoas atacadas pela lepra. Estes hospitais chamam-se leprosários ou colônias para leprosos.

(...)Para resguardar da lepra os filhos de cegos existem os Preventórios que são estabelecimentos destinados a abrigá-los, criá-los, educá-los e encaminhá-los para as escolas profissionais.

Na lepra nota-se um fato curioso, que é o seguinte: o filho de um leproso, quando logo após ao nascimento é separado de seus pais, cresce sem adquirir a doença.

(...) Não precisa muitas vezes ser médico para se evitar um leproso. Em muitos casos seu rosto é característico que qualquer pessoa pode reconhecer-lo. Vou enumerar-lhe alguns sinais mais frequentes para que você também o reconheça. O rosto é geralmente infiltrado (inchado), orelhas grandes e cheia de caroços, voz as vezes fanhosa, nariz entupido. O leproso frequentemente põe sangue pelo nariz sem causa justificada.

(...) Lembre-se que a lepra é um dos maiores flagelos do Brasil no momento.

Combate-la é pois dever de sadio patriotismo."(grifos meus)

Resguardada a consciência médica e do senso comum à época, esta doença parece marcada pelo metaforismo, tons carregados de obscurantismo e fatalismo. É com reticências que encontra-se os termos "chaga", "terrível flagelo", "portadores do mal", "atacados", "vítimas", enfim, um sem número de metáforas que caracterizam a doença como uma fatalidade, seu "portador" estaria desenganado; além de que, não é a doença que se dirige o ataque, mas ao doente, porque é ele o "portador", o que transporta a doença consigo, ele torna-se assim um agente patogênico. A doença caminha com o doente. Frear a doença'

é frear o doente. Cortar a cadeia de transmissão do vírus.

Como retirar o leproso do convívio social, familiar, sem que cause traumatismo? Traumatismo entendido não só no sentido psíquico, mas também econômico, já que o pai é o provedor da casa.

"Na profilaxia da Lepra, isto é, no modo de evitar o contágio da doença, a Saúde Pública conta com 3 armas poderosas sem uma das quais a eficiência do serviço seria muito menor.

1º. Os Leprosários, Hospitais Colônias construídos e mantidos pelos Governos e que infelizmente no Brasil, com o seu aterrador e humilhante número de doentes, absorve vultuosas verbas, pois os doentes internados, e eles são milhares e milhares, recebem gratuitamente o internamento, a alimentação e a assistência médica.

Os doentes do Triângulo Mineiro, com exceção dos ricos para os quais existe agora um "Hospital" com todos os requisitos de conforto, em Sabará, estão sendo enviados para Bambuí, para o "Hospital colônia São Francisco de Assis".

2º. A 2ª arma poderosa é o "Dispensário Regional", onde são examinados rigorosamente todos os casos suspeitos e todos os comunicantes que são aqueles que conviveram com os doentes de lepra, principalmente onde são reexaminados periodicamente aqueles doentes que tendo recebido alta, curados, ficam porém obrigados a exames em datas pré-fixadas, para controle da cura. O Dispensário Regional de Triângulo Mineiro, está sediado em Uberaba e os Centros de Saúde onde eles existem como na nossa cidade, fazem também os mesmos exames.

3º. A 3ª arma e não menos importante é o Preventório, pois os doentes sabendo que seus filhos serão protegidos e encaminhados na vida, tornam-se espontaneamente favoráveis ao próprio internamento, e contra o qual se revoltariam desde que soubessem deixar a família na miséria. Daí a importância da criação de tais instituições que (...)."

Respondendo então à questão levantada sobre como retirar o leproso sem que lhe cause traumatismo, estas 3 "armas" apontam em todas as direções: acertam o doente, sua família e garante-lhe, após o tratamento, um cuidado constante. É vantagem assegurada ao doente que esta é a única e melhor forma de se tratar: sua família e a ele estão todos sendo assistidos (no duplo sentido da palavra - vigiados e cuidados).

Os Hospitais aparecem pois, como um instrumento de vigília e cura, reclusão e assistência, disciplinados, com administração própria, população própria: os doentes e os médicos. Poderão variar as formas de tratamento: o ar, água, ali-

mentação, medicação, higiene, enfim, terão os doentes sob seu comando e domínio. O registro constante, diário, permanente, individualizado, hierárquico - da farmácia, enfermeira ao médico - constitui a essência do saber médico, e enquanto saber estabelece seu poder: poder de apreciação do quadro patológico; poder de manter sob seclusão os pacientes; poder sobre o paciente e o social; poder que o qualifica como capacitado. É enquanto saber que é poder e só é poder porque é saber.

Desta forma, a capacitação do espaço hospitalar, herético e disciplinador, que lhe é transferido a responsabilidade dos insanos. E só a ele delegado.

Tudo isto é fruto de um longo processo que desvencilhóu a imagem do hospital da imagem de um mortífero, para onde os doentes vão na hora da morte. Uma arquitetura adequada à cura, em locais propícios, com uma disciplina interna, com o médico como administrador, portanto, um especialista, alguém autorizado, que não está ali para recuperar a alma e dar conforto espiritual, mas para curar, recuperar e devolver o indivíduo à sociedade.

Resta-nos questionar à respeito da resistência dos doentes a toda esta somatória de olhares vigilantes que o policiam.

Assim, se onde há poder há resistência, e como o poder não está, mas ele se exerce, onde ele se exerce e da forma como ele se exerce vamos encontrar resistência não puramente no instituído, mas em toda a extensão em que o poder vem se exercendo.

Neste sentido o discurso é o melhor argumento do contra-discurso. O discurso é sua própria nulificação. Em outras palavras, o poder não consegue se exercer porque ele cria sua antítese.

Vejamos o que se espera do doente, sobre o doente e o que faz o doente. Serão aqui retratados vários excertos de artigos de jornais de nossa região que não dão conta de que se passa.

Assistência à família do leproso.

— O Estado de Goyaz- nº641, 23/3/1941

"Quando se iniciou internamento de morphetico em leprosários e colônias, notou-se no Brasil um facto interessante:

— Muitos doentes, depois de algum tempo de estadia nesses estabelecimentos, fugiam e iam ter com suas famílias.

Investigando a causa dessas fugas tão frequentes, as autoridades conseguiram averiguar que quem fugia eram sempre aqueles que haviam deixado a família e que lhe eram o arrimo. Quando internados deixavam de ser o braço forte dos seus e começava para estes um novo martyrio - a preocupação com a

família, com o seu sustento, o seu bem estar.

(...) Foi então que entrou em actividade a iniciativa particular. Enquanto o governo garantia o internamento dos doentes as sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra procuravam amparar a sua família, supprindo-a de tudo o que necessitasse, tornando-se um elemento de ligação entre o hanseniano e os seus. Além disso, ampliando cada vez mais sua acção a Sociedade conseguiu effectivar um milagre conseguiu com que os doentes em vez de revoltados se tornassem indivíduos pacíficos, conformados, que não mais fugiam mas pelo contrário, que procuravam cooperar com as autoridades sanitárias no seu tratamento."

Educação e Saúde no Decênio Getuliano

Serviço Nacional de Lepra

Henrique Furtado Portugal

— Jornal Correio de Uberlândia nº633. 26/1/1941

(...) desses isolamentos já quasi não há fugas pelo ambiente humano que ser respira: além disso o governo cuida de construir sanatórios para os dotados de recursos financeiros, e mais preventórios, a exemplo de S.Tarcísio, na Estação Mário Campos, para os filhos de doentes."

A Acção prophylatica e humanitária do Centro de Saúde Local

— O Estado de Goyaz nº 416 , 17/11/1938

Attinge a 25 o número de victimas do mal de Hansen internado na colônia Santa Izabel em Belo Horizonte.

"Por determinação e providências do Centro de Saúde local, seguiram para a Capital do Estado mais seis leprosos ' que serão internados na colônia Santa Izabel.

Essas victimas do mal de Hansen, arrancadas do seio da população local, incorporadas às que há dias seguiram irão perfazer um total de vinte e cinco a receberem tratamentos e cuidados de que tanto carecem.

A maneira pela qual se vem procedendo com esses infelizes se nos depara com dois aspectos: o allivio das victimas e o socego da população.

Segundo informações obtidas daquele departamento, a contribuição dos poderes municipaes muito tem concorrido para o exito da nobilitante campanha prophylatica ora processada ' municipio por aquelle organ da Saude Publica".(grifo meu)

O Governo do Estado encara seriamente o problema da Lepra

Uma visita de nossa reportagem, a leprosos

— Jornal Correio de Uberlândia nº 1249. 9/9/1943

(...) Mais ou menos à uma hora, rumamos de automóvel para o local. Penetrando no recinto da edificação coberta de folhas de coqueiros, arejada e muito fresca, contemplamos o espetáculo que se nos apresentou e confessamos que tivemos profunda comisseração por aquelas 25 almas que ali se achavam.

Uns já deformados pela terrível molestia, outros em estado adiantado; vimos alguns doentes muito jovens ainda; havia um casal e um filho de aproximadamente 15 anos; lavradores se não nos enganamos; uma velhinha olhou-nos com um semblante de admirável resignação; contemplamos rostos onde havia protesto contra a situação em que se achavam; era como uma noite de angustia em que as trevas da dor moral e material envolviam aqueles seres aterrorizados de si mesmos.

No entanto pudemos vislumbrar nesse ambiente de tristeza, uma nesga de luz que nascia da consolação piedosa. É ' que estavam sob a proteção das autoridades que, compadecidas de sua amargura, vão lhes proporcionar abrigo, assistência hospitalar, onde possam viver a coberto de muitas das suas privações, que lhes assoberbavam. Sabiam que de agora em diante seus padecimentos seriam minorados pela mão compassiva do Estado, que lhes ia assistir.

(...) Os 25 leprosos a que nos referimos, estavam aguardando hora para embarcarem para Bambuí, onde seriam internados na Colônia São Francisco de Assis. No mesmo dia, à noite, em carro especial da Mogiana, seguiram para seu destino e a estas horas, estarão eles recebendo o conforto imprescindível, o lenitivo à sua dor profunda."(grifos meus)

Até Quando?

— O Estado de Goyaz - nº 732 . 15/2/1942.

"O povo de Triângulo está, de há muito, esperando pelas providências governamentais de recolhimento dos morfeíticos aos leprosários.

Apezar da pertinaz campanha que encetamos o ano passado; apesar das promessas do governo estadual no sentido de internar os hansenianos do Triângulo, logo que fosse terminada a construção do leprosário de Bambuí, continuamos ainda na dolorosa expectativa, sem saber até quando isto perdurará.

(...) Mas o caso do Triângulo merece ser olhado com mais simpatia, porque o povo aqui quer auxiliar a obra do governo

e nossa zona é uma das mais atingidas pela molestia.

Uma prova disto é o fato que se deu há poucos dias, em Uberaba e que abalou a população da capital do Triângulo.

Trata-se, nada mais, nada menos, que o suicídio de um morfético.

Mas o suicídio de um morfético é coisa comum porque ele é um sufredor que se considera condenado e, mais ainda, é um pobre e tem um milhão de razões para suicidar-se.

O que abalou os uberabenses foi o suicídio ter se ' dado por afogamento nas águas do rio Uberaba.

E o rio Uberaba fornece água à cidade:

— Eis a causa do pavor que se apossou dos uberabenses.

Muita gente deve estar, até hoje, bebendo água mineira, com medo do contágio...

Agora perguntamos:

Não seria oportuno o governo diligenciar sobre o internamento de nossos doentes, já que o leprosário está concluído?

Não seria melhor isto que presenciarmos cenas desagradáveis atestando escandalosamente até que grau chegamos em desleixo no amparo aos pobres hansenianos?"(Grifos meus)

Todos os esforços são realizados para que o leproso sinta-se compelido a ir para o leprosário: assistência médica, assistência à família, manteriam o contato com os seus, enfim, garantias plenas de que todos estariam assistidos e providos. Bons motivos para o doente se tratar? Os motivos são de outra natureza: motivos para que ele não resitisse à reclusão, não fugisse, não se tornasse uma ameaça pública, contagioso. Em outras palavras, o temor vem não só da doença; mas do doente, da sua resistência, de não se curvar ante as autoridades competentes, às leis, em suma, não se deixar docilizar.

Desespero, suicídio, fugas, ocultamento. Os leprosos, à sua maneira, reagem ao cerco que lhes faziam. O poder não se impôs a eles pacificamente; a ação filantrópica "arrancou" os leprosos de Uberlândia através da intervenção do Centro de Saúde local. A resistência não é apenas dentro da instituição reclusiva: a recusa não se localiza como ao poder também não, mas elas se inter-relacionam, determinam-se, confrontam-se.

E, o leproso, é de todos mais desprezível dos excluídos: doente e pobre.

Já não sensibiliza aos Uberabenses seu suicídio, afinal, "o suicídio de um morfético é coisa comum porque ele é um sufredor que se considera condenado e, mais ainda, é um pobre e tem um milhão de razões para suicidar-se". Mas urge vi-

giá-lo e excluí-lo, por não só ser um ser patológico como patogênico. E o espaço urbano não lhe é reservado viver.

O seu afogamento nas águas do rio Uberaba é que abalou aos uberabenses: rio que abastece de água a cidade.

"Muita gente deve estar, até hoje, bebendo água mineral, com medo de contágio...

Agora perguntamos:"

_ Afinal, de quem é esta fina ironia e sadismo?

CONCLUSÃO

É difícil chegar a uma conclusão final, principalmente quando se aborda um tema polêmico como este, o da ideologia disciplinar do espaço urbano, tentando resgatar o processo de exclusão dos hansenianos, acabei por embrenhar por veredas que não esperava e abrir trilhas não pensadas. Mas, apesar de uma curta viagem, creio ser esta apenas uma parada numa estação provisória, onde possa pegar novamente a idéia que aqui me conduziu até agora. Por isso, creio ser esta uma conclusão parcial.

O descortinar de toda uma imagem de cidade harmônica escandaliza; a própria idéia em si já é um escândalo, a sua execução é mais danosa. É difícil imaginar uma harmonia onde se vê a desigualdade, e difícil também ficar alheio à saúde pública num país de doentes. Assim como torna-se difícil pensar sobre o poder, suas múltiplas manifestações, sem imaginar nas respostas aos poderes.

Minha expectativa inicial era procurar uma resposta ao estigma do Bairro Lagoinha e, também, procurar estabelecer um vínculo estreito poder disciplinar urbano e industrialização. O projeto era ambicioso. Não creio que impossível, mas não o admito como sendo verossímil. É apenas uma idéia, uma suposição. Acabei não tocando no Bairro Lagoinha. Sei que lá foram construídas algumas casas para leprosos, evitando-os na rua. Pode ser daí o estigma. As estatísticas atuais apontam outras áreas com população maior de leprosos: Martins e Brasil.

Ficou inacabado as propostas que foram sendo elaboradas durante o estudo, como por exemplo, as propostas dos filântropos de serem elos de ligação entre pais-filhos, daqueles que sem recursos foram estigmatizados e reclusos. E daí só em pensar em quantas cartas de dor e sofrimento, amor e saudade não devem ter sido interceptadas, lidas e destruídas, sem jamais ter chegado ao seu destino.

Outras questões poderiam ser levantadas, o próprio recurso e método utilizado para com aqueles que não foram reclusos (pois é impossível recluí-los a todos, são numerosos); a política sanitária pós-Getúlio, numa nova onda de redemocratização, como ficaria o recurso da detenção do insano num governo democrático? enfim, outras problematizações poderiam ter surgido, mas o tempo e material disponível não eram adequados.

Mas o visto é que a cidade disciplinar não dá conta de sua proposta porque não disciplina os antagonismos que lhe dão sustentação: o conflito capital/trabalho, eliminá-lo seria sua decretação de morte. Uma fatalidade. Os recursos que lhe restam são o de remediar, sem contudo, solucioná-los.

Pude perceber ainda como o discurso que se pretende hegemônico se articula com o social. O problema da criança, do hospital, da lepra, como muitos outros poderiam ter sido levantados, percorre toda uma sinistra ilusão de filantropia e misericórdia. Percebe-se, por exemplo, que os leprosos são, na sua maioria, pobres. Há o auxílio do governo e de particulares. Mas não se questiona: por que pobres? Por que da pobreza? A sutileza dos problemas e suas resoluções devem ser conduzidos por setores competentes da sociedade. A resolução não parece partir dos homens, mas dos tecnocratas, dos especialistas, dos canais competentes, pois o saber que possuem capacita-os à resolução, e apenas a eles e a mais ninguém. Exime a todos da responsabilidade e da culpa. É o mundo da omissão, da obediência civil.

BIBLIOGRAFIA

I - Livros

SONTAG, Susan. A Doença como metáfora. trad., Márcio Ramalho. RJ. Edições Graal, 1984. (Col Tendências; v.n.6)

CHAUÍ, Marilena de Souza. O Discurso Competente. IN: Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas.

_____. Observações preliminares. IN: Repressão Sexual, essa nossa (des)conhecida. São Paulo, 1984. (Col. Primeiros passos)

FOUCAULT, Michel. Stultifera navis. IN: História da Loucura. trad., José Teixeira Coelho Netto e outros, 2 ed. 1987. São Paulo.

_____. Por uma genealogia do poder (Roberto Machado, Introdução)
- O Nascimento dos hospitais. IN: Microfísica do Poder. trad. Roberto Machado, RJ. Edições Graal, 6 ed. 1986

II - Jornais

II.1 - O Estado de Goyaz

Artigo: Até Quando? nº 732, Ano 10 15/02/1942

.A Acção prophylatica e humanitária do Centro de Saúde Local nº 416, 17/11/1938

.Assistência à família do leprosos nº 641 23/03/1941

.Para beneficiar a esthetica da cidade e aperfeiçoar o conforto dos enfermos nº 244 06/10/1937

.A's crianças do Brasil. Como conhecer e evitar a lepra. nº 676 27/07/1941

.Notas. nº 449 30/04/1939

.O interesse colectivo em "Croquis" nº 416 17/11/1938

.As Crianças Pobres nº 668 26/06/1941

.O problema da lepra nº 620 09/01/1941

.A Lepra nº 622 16/01/1941

.Lepra ou Morfêia nº 889 11/09/1943

.Continua pelas ruas a nossa infância abandonada nº 412 03/11/1938

.O phantasma da Lepra nº 451 07/05/1939

.O problema da Assistencia aos Lazaros nº 398 22/10/1939

.Um Preventório para Goiânia nº 822 04/12/1941

II.2 - Correio de Uberlândia

Artigo: O Novo Codigo Penal da República e as leis sanitárias
nº 644 11/02/1941

.O Governo do Estado Encara seriamente o problema da Lepra nº 1249 09/09/1943

.Razões de isolamento (crônica científica) nº2240
24/09/1947

.Dolorosíssima tragédia nº1235 22/08/1943

.O alfabetismo e a conquista da saúde nº2285
29/11/1947

.Filhos de Deus nº2236 17/09/1947

.Obra Meritória, Criação de um abrigo para os leprosos
em trânsito, coordenado pelo Rotary Club
nº 2547 13/12/1948

.Campanha de "olidaziedade" nº2493 22/09/1948

.O Combate à Lepra em Minas nº 741 20/06/1941

.Conferência Nacional de Saúde nº804 07/11/1941

.Educação e Saúde no Decênio Getuliano. nº633 26/01/1941

.O Governo do Estado encara seriamente o problema da
Lepra. 09/09/1943 nº 1249

- * Outros jornais, como O REPORTER, A TRIBUNA, JORNAL DE UBERLÂNDIA, também foram lidos e pesquisados, não foram citados na pesquisa e não consta da bibliografia porque no processo seletivo das reportagens e serem utilizadas vi que, apesar de o tema poder ter sido abordado de diversas maneiras pela imprensa local, praticamente eles se repetiam, dando um enfoque local dos hansenianos de Uberlândia e região, portanto, julguei que não seria conveniente utilizar artigos que se tornavam repetitivos.

(A) O leitor não sabe da existência do projeto anterior e interessante falar + sobre ele. Você parte do princípio q o projeto anterior é de conhecimento do leitor e dialoga a partir dessa premissa. (a1)

Mas, é importante mostrar o pp do redimensionamento.

(B) Você faz referência ao redimensionamento, mas não apresenta na introdução a forma como a pesquisa foi desenvolvida.